

AUTISMO E DECLARAÇÃO DE GUERRA À PSICANÁLISE

IPB-CONVERGÊNCIA-RECIFE-MAIO, 2014

O grande segredo da psicanálise é que não há psicogênese. Lacan, Seminário III.

Severina Sílvia Ferreira

Em 2012, o autismo foi declarado Grande Causa Nacional pelo governo francês. Desde então, representantes de associações de pais de autistas iniciaram uma campanha cuja bandeira ostenta o título “Declaramos guerra à psicanálise”, na qual a mídia tem revelado uma significativa participação (E. LAURENT, 2012:115). Nessa campanha, os psicanalistas foram apresentados como defensores da ideia de que a causa do autismo estava associada à frieza dos pais; os psicanalistas estariam mais ocupados em culpar as mães do que no tratamento da criança. Paralelamente, a campanha procurava promover as terapias comportamentais como a única solução para todo o espectro do autismo (E.LAURENT, 2012).

Significantes como “combate” e “batalha” passaram a ser usados insistentemente nos depoimentos de pais e familiares de crianças e adolescentes autistas, conforme observa E. Laurent, psicanalista, ele mesmo autor de uma obra nomeada “A batalha do autismo” (2012).

Desde que L. Kanner (1) e H. Asperger (2) fizeram a descrição da síndrome a indagação a propósito da possível causa (ou possíveis causas) do autismo tem ocupado diferentes áreas de estudo e pesquisa, ocasionando algumas vezes apaixonadas defesas e duros ataques a umas e outras hipóteses etiológicas.

O artigo de Kanner, de 1943, traz uma descrição pormenorizada do comportamento de onze crianças autistas, mas também analisa o comportamento dos pais, considerados, em sua maior parte, pouco calorosos nas relações com os filhos. Todavia, a despeito de não dispor de nenhuma evidência empírica, o artigo conclui que “estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade inata de estabelecer contato afetivo habitual com as pessoas, **biologicamente previsto**, exatamente como as outras crianças vem ao mundo com deficiências físicas ou intelectuais” (1997:170, grifo nosso). (3)

Kanner, que era psiquiatra (e não psicanalista), publicará outros artigos ao longo de aproximadamente vinte e nove anos de trabalho, nos quais a indagação sobre a etiologia será sempre uma questão. Ele oscilará em torno de diferentes hipóteses, mas terminará vaticinando que a ciência um dia descobriria o fator biológico explicativo do autismo. De outra parte, ele terminará por se tornar um defensor das mães e um crítico de Bruno Bettelheim, quando este psicanalista (nos anos 50) declara que a origem do autismo estaria na frieza das relações maternas.

A teoria de Bettelheim teve uma grande repercussão no meio das associações de pais de autistas, onde passa a ser vista como representando o pensamento geral da psicanálise: desde então o psicanalista é apontado como um acusador das mães.

Psicanalistas contemporâneos a Bettelheim de início não se preocuparam com os estragos que tal equívoco poderia provocar: os que se dedicavam ao estudo e tratamento do autismo desenvolviam novas teorias, adotavam outras concepções e exerciam a sua clínica sem se inquietarem com o que se passava mais além da sua prática.

Todavia, à medida que as pesquisas em neurociências e no campo da genética ganharam impulso, os pais, agrupados em associações, puderam, enfim, argumentar em favor das causas objetivas do autismo, já que “demonstradas cientificamente”, e puderam então explicitamente provar que eles não eram culpados da patologia dos filhos: a(s) causa(s) não estava(m) de modo nenhum associada(s) a uma dinâmica relacional, como queria a psicanálise. E ainda que se possa constatar uma certa instrumentalização dos resultados obtidos nas pesquisas para favorecer o ponto de vista dito científico (4), na ótica dos pais esses resultados justificavam o combate à psicanálise e a promoção das chamadas terapias cognitivo-comportamentais (TCCs).

Tornado um distúrbio cognitivo (de causa biológica), somente os métodos cognitivo-comportamentais poderiam ser admitidos e generalizados para todo o espectro do autismo (5). Portanto, deixa de ter lugar uma clínica psicanalítica para o autismo, já que necessariamente voltada para a subjetividade.

A produção do documentário *Le mur* foi uma das primeiras iniciativas das associações de pais franceses para levar a psicanálise ao descrédito. Em seguida, foi elaborada uma proposta de lei que estipulava que as práticas psicanalíticas, no acompanhamento de pessoas autistas, deveriam ser abandonadas. E, na sequência, a Alta Autoridade de Saúde, posicionando-se favoravelmente à abordagem comportamentalista, registrou que a ausência de dados sobre a eficácia da psicanálise não permitia concluir pela pertinência de suas intervenções. (6)

Mas, mesmo antes de 2012, uma circular de 08.03.2005, relativa à política francesa de assistência a pessoas portadoras de Autismo e Distúrbios Invasivos do Desenvolvimento (TID), determinava:

Suas causas (do autismo) estão ligadas provavelmente a processos complexos, nos quais a intervenção de fatores genéticos múltiplos está em evidência e fatores ambientais diversos podem estar implicados. As teses passadas sobre uma **psicogênese** exclusiva do autismo, que tinham o mérito de despertar a atenção para as pessoas autistas, mas tinham gravemente acentuado a angústia dos pais, devem ser largamente descartadas (E. LAURENT, 2012: 22). (grifo nosso)

Ao contrário do que se possa pensar, a psicanálise não culpabiliza (ou não deve culpabilizar?) os pais (ou a criança), mesmo porque, colocada assim, esta é uma questão completamente equivocada. O estudo sobre a etiologia ou identificação do autismo não pode ser posta em termos de quem tem a culpa, pois não é de culpa que se trata. A atribuição de culpa é muito mais o efeito de um debate que se deixa levar pela paixão.

Por outro lado, Lacan (1985), no seminário das psicoses, é categórico ao afirmar que **não há psicogênese**. A psicanálise não supõe uma psicogênese das doenças mentais. Assim, e independentemente dos fatores que podem estar associados ao autismo, genéticos ou ambientais, existindo ou não um dado biológico em jogo, nada disso exclui a particularidade de constituição do sujeito como ser falante. E isto justifica plenamente o lugar da clínica psicanalítica no campo do autismo. (7)

O combate atravessou mares e chegou a outros países, como Argentina, Itália e Brasil, com repercussões e consequências similares. Aqui, a batalha contra a psicanálise e a favor das TCCs encontrou resistência quando a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo lançou um edital convocando

instituições de saúde especializadas no atendimento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista para credenciamento junto ao SUS determinando como condição que os psicólogos adotassem “avaliações de nível cognitivo e comportamental” (Ed. 001/2012, de 04.09.12). O edital deflagrou o Movimento (nacional) Psicanálise, Autismo e Saúde Pública (MPASP), do qual fazem parte psicanalistas e profissionais de saúde, instituições de psicanálise de diferentes filiações teóricas, organizações não governamentais, instituições de ensino, etc.

Logo depois, a Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo decidiu fechar o Centro de Referência da Infância e Adolescência, do Departamento de Psiquiatria da UNIFESP. O argumento era que o trabalho de orientação psicanalítica, ali realizado, não tinha bases comprovadas (científicas) e que os profissionais cognitivo-comportamentalistas deveriam ser priorizados neste tipo de tratamento, por deterem o conhecimento específico. Depois de intensa mobilização, o CRIA voltou a funcionar.

Por sua vez, a mídia brasileira, como a dos outros países, tem desempenhado um ruidoso papel na batalha do autismo contra a psicanálise. Um exemplo recente é a matéria de Luiz Fernando Vianna, publicada na Folha de São Paulo de 26.04.14, na qual ele faz a crítica de duas obras: *O que me faz pular*, da autoria de um adolescente autista, e *Batalha do autismo: da clínica à política*, de um psicanalista (8). Vianna refere-se à primeira como “um daqueles raros relatos produzidos por quem está no espectro do autismo ...” e recomenda a sua leitura “para alguém que convive com um autista”.

Com relação à segunda, ele é taxativo:

o psicanalista [...] não demonstra [...] ter muito conhecimento do que se passa nas casas de famílias que

convivem com o transtorno [...] quando diz coisas como “falar não é um ato cognitivo, é um arrancamento real”, tripudia, involuntariamente, dos pais que sofrem todos os dias ao ver que seus filhos, mesmo querendo, não conseguem produzir uma frase.

E ataca:

(O autor) faz um livro de militante. Procura defender a França, onde a psicanálise luta para se manter hegemônica no tratamento do autismo, da invasão comportamentalista anglo-saxã [...] mas só oferece como alternativa a modorra da clínica psicanalítica, que parece tratar os autistas como objeto de estudo, não como pessoas com um mundo real a enfrentar.

Vianna conclui:

É sintomático que só uma vez seja citado o nome de Bruno Bettelheim, principal propagador, nos anos 1950 e 1960, da ideia de que mães supostamente frias provocaram o autismo em seus filhos. (O autor) desvia do anátema para proteger seu discurso.

Passamos então do tempo em que a batalha era travada no campo teórico e clínico e entramos no campo político.

Notas

1. Leo Kanner: judeu como Freud, formado em Medicina em Berlim, emigrou nos anos 20 para os Estados Unidos, onde se tornou psiquiatra e diretor da Clínica Infantil da Universidade Johns Hopkins (*BehaviourClinic for Children*), em Baltimore (primeiro serviço de psiquiatria infantil nos Estados Unidos, 1930).
2. Hans Asperger: descrito como uma criança solitária, tornou-se pediatra na Áustria, depois professor emérito em 1977. Chamava seus pacientes de “meus pequenos professores”, talvez para lhes minimizar a “deficiência” para os proteger dos nazistas (Cf. E. Laurent, 2012:19).
3. Notamos que Kanner não inclui o autismo entre as deficiências, como fez o Brasil recentemente (Cf. Lei nº
4. Um estudo realizado na Suécia mostra que os fatores ambientais são tão importantes quanto a genética como causa do autismo. Os pesquisadores disseram terem se surpreendido ao descobrirem que a genética tem um peso de cerca de 50%, muito menor que as estimativas anteriores, de 80 a 90%. Os fatores ambientais, não analisados pelo estudo, poderiam incluir, segundo os autores, o nível sócio-econômico da família, complicações no parto, infecções sofridas pela mãe e o uso de drogas antes e durante a gravidez. O resultado partiu da análise de mais de dois milhões de pessoas na Suécia entre 1982 e 2006, o maior estudo já realizado sobre as origens genéticas do autismo (segundo artigo publicado no *Journalofthe American Medical Assocation*), que atinge uma cada 100 pessoas no mundo. Estatísticas americanas recentes revelam que uma em cada 68 pessoas é autista no Estados Unidos.

5. A abordagem das TCCs é característica do comportamentalismo e das ciências cognitivas que se desenvolveram nos anos 60 nos países anglo-saxões. Eles são menos abordagens terapêuticas que métodos de aprendizagem e condicionamento do comportamento (Cf. Marie Jecic, 2011). Os representantes das TCCs não sustentam um discurso que articule as noções de significante e significado. Eles não consideram a linguagem senão como um recurso de comunicação, preferindo as noções de comportamento, de sequência de comportamentos ou de cognição (Cf. Louis Sciarra, 2011).
6. Ver o artigo “Efeitos do discurso capitalista sobre o autismo”, de S.S. Ferreira. Inédito.
7. Ver o artigo “A psiquiatria biológica: uma bolha especulativa?”, de François Gonon, neurobiologista, Diretor de Pesquisa CNRS no Instituto das Doenças Neurodegenerativas, Universidade de Bordeaux (inédito). O autor encerra o artigo declarando: “Defendo, portanto, uma pesquisa em neurociências cuja criatividade não esteja amarrada por objetivos terapêuticos a curto prazo; uma prática psiquiátrica nutrida pela pesquisa clínica e uma desmedicalização do sofrimento psíquico”.
8. “Obras retratam autismo nas visões de portador e de especialista”. Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, Seção Ciência, <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/04/1445862-critica-obras-retratam-autismo-nas-visoes-de-portador-e-de-especialista.shtml>. Luiz Fernando Vianna é coordenador de internet do Instituto Moreira Sales. Obras criticadas: *O que me faz pular*, de Naoki Higashida, Ed. Intrínseca. *A batalha do autismo*, de Éric Laurent, Zahar.

Referências bibliográficas

JEJCIC, M. L'homme des TCC. Le cognitivo-comportementalisme em question. *La Célibataire*. Revue de Psychanalyse. Paris: Ed. EDK, n. 22, été 2011, p. 139-150.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In P.S.ROCHA. *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997, p. 111-170.

LAURENT, E. La bataille de l'autisme: de la clinique à la politique. Paris: Navarin, 2012.

SCIARA, L. Les incidences cliniques et éthiques de la logique cognitiviste dans les institutions de soins. Le cognitivo-comportementalisme em question. *La Célibataire*. Revue de Psychanalyse. Paris: Ed. EDK, n. 22, été 2011, p. 107-117.